

REVISTA
ÁFRICA[S]

E-ISSN 2446-7375
ISSN Impresso 2318-1990
Vol. 5 | N°. 10 | Ano 2018

Editorial

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II

[Dr. Pedro Acotsa Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

EDITORIAL:

Dias melhores como crença em meio aos tempos sombrios

Ivaldo Marciano de França Lima

Tempos sombrios, ameaçadores... O obscurantismo se fez presente com toda a força e ronda as universidades públicas. Algumas destas já estão sob domínio do obscurantismo... Como entender os tempos atuais em que vivemos? Ataques ao regime democrático, desmonte de políticas públicas, ameaças de demissões e de redução de salários dos servidores públicos (incluindo os professores das universidades públicas brasileiras) fazem parte de um cenário em que a tônica é pautada por bizarrices diversas. Mesmo no âmbito de alguns programas de pós-graduação, observam-se situações estranhas, que no geral não combinam com contextos normais, ditos “convencionais”. Esperamos todos que isto não faça retroceder os avanços obtidos com os governos democráticos e populares que o Brasil teve. Esperamos também, que o sorriso e a sensatez retornem ao cenário!

Mas, antes que o leitor desavisado acuse este editor de estar enveredando pela seara da “doutrinação ideológica”, a nova “invenção intelectual” de quem proclama o fim ao “marxismo cultural” (fazendo uso do conceito de ideologia na acepção de Marx, pasmem os leitores), lembro também que estes obscurantistas (aqueles que estão no ensino superior) relegam ao continente africano formulações desprezíveis, típicas de quem se reconhece nos modelos legados pelo ocidente e que não se permite pensar em outras narrativas ou possibilidades civilizatórias. Para estes, a exclusão se converte em modelo e regra, e as perseguições para os que pensam diferente se torna leit motiv!

A África, para estas pessoas, é algo inútil, e as pesquisas sobre este continente se constituem em profunda perda de tempo. Ora, quais as perspectivas teóricas mais ameaçadas nos dias atuais, em solo brasileiro, que não sejam os Estudos Africanos e os de Gênero? África(s) perfila ao lado dos que se reconhecem como diversos, plenos e contraditórios, plurais e ao mesmo tempo extremamente bem humorados! Espera-se que após estas nuvens de tempestade o sol volte a brilhar, e com ele a alegria de uma vida possível para todos, sejam eles angolanos ou suecos, yanomamis, swazis, pernambucanos ou baianos!

A África nos ensina que esta pluralidade não inviabiliza a vida, e permite a existência de diferentes respostas para as muitas necessidades que se apresentam aos povos em seus mais variados e diversos contextos, pois assim é a vida: plural e ao mesmo tempo plena!

Neste número de África(s), veremos uma profícua discussão a respeito das transformações ocorridas no âmbito das narrativas da nação moçambicana, nos períodos pós independência (socialista) e contemporaneidade (Pós Guerra Fria). Nas palavras de André Mindoso, o indivíduo moçambicano ideal, a partir dos discursos enunciados nos livros escolares deste país, passa de um sujeito que “deveria ser visto como parte de um todo, sem vontade própria e cujas ações deveriam ser em benefício da coletividade”, para, com o fim do socialismo e da guerra civil, se converter em um “indivíduo com vontade própria e cujas ações nem sempre tem na coletividade a sua justificativa”. O autor conclui, sem querer “antecipar o final do filme”, que a narrativa identitária “ideal” moçambicana sofre as transformações do contexto em que está imersa, sendo, então, mutável e em permanente transformação.

E a vida segue, gritando por dias melhores e exigindo dignidade para os povos do continente africano! E meio a isto, temos o segundo artigo deste número, que é de autoria de Yuri Agostinho, que nos brinda com uma excelente discussão sobre as escolas historiográficas sul-africanas e suas principais temáticas. Conforme o autor, que é angolano e doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco, “o maior foco destas escolas, foi olhar a história com base na questão da fronteira, sendo esta entendida como ponto de encontro entre “brancos” e africanos”. Yuri nos mostra as tendências mais proeminentes entre os historiadores do “país de Mandela”, articulando os aspectos relacionados com a historiografia e os projetos de dominação implementados por descendentes de britânicos e böers.

E as linhas seguem e se cozem, trazendo novos sentidos e questões, das quais, as razões e motivos que justificaram o reconhecimento da independência angolana por parte do governo ditatorial brasileiro. Andréa Rocha e José Francisco negociam, de forma habilidosa, com as letras existentes na documentação da diplomacia brasileira, em especial nos memorandos do Itamaraty, indicando as tensões, negociações e conflitos existentes nas ações de diplomatas brasileiros e o governo angolano, “recém-chegado ao poder”.

E o fluxo do rio continua, e desagua em Ruanda, sob as palavras de Danilo Fonseca, que discute a ação dos chefes de executivo das pequenas administrações ruandesas, durante o contexto do massacre ocorrido neste país, em 1994. A partir da análise de documentos produzidos pelo Tribunal Penal Internacional – TPI, sobre o burgomestre Juvenal Kajelijeli, que administrava a comuna de Mukingo, Danilo Fonseca nos fornece detalhes sobre aspectos que estruturaram uma verdadeira máquina de assassinatos, posta para funcionar naquele país em 1994.

Saindo de Ruanda, agora na forma de um raio, o volume segue com o artigo de Rodrigo Bittencourt, que estabelece um paralelo entre os livros de João-Maria Vilanova, “Os contos de

Ukamba Kimba”, e “Os condenados da Terra”, de Frantz Fanon. Conforme o autor, há semelhanças e concordâncias tácitas na ideia de que a liberdade política do colonizado só se efetivará mediante a libertação psíquica do trauma, mediante uso da violência enquanto recurso para operar a transformação. Eis uma excelente análise, operando com o sumo de dois profícuos livros produzidos sobre contextos de difícil situação.

Superando os traumas, com o intuito de entender as ressignificações, Basílele Malomalo nos mostra, a partir dos Estudos Africanos, como se articulam religião e política entre os messianismos construídos no continente africano no século XX e na atualidade. A partir da análise de Ne Muanda Nsemi, o autor mostra aspectos de como este movimento se configura a partir das memórias do Reino do Congo, e de que isto se traduz em instrumentos que propiciam a luta dos congoleses por melhorias na sociedade em que vivem. Aqui se percebe o quão proveitoso a interdisciplinaridade se traduz no potencial existente nos Estudos Africanos para traduzir e definir eventos e fenômenos alusivos a este formidável continente.

Por fim, e não menos importante, como se fosse a última troça do carnaval de Olinda (PE), Maria Campos nos faz refletir sobre as representações da natureza existentes em dois dos trabalhos de William John Burchell. A autora, seguindo a excelência e refinamento peculiar em seus trabalhos, mostra alguns dos aspectos de como se produziu o registro da flora por parte deste fantástico viajante, que construiu extensa documentação, quando em solo brasileiro e africano, detalhando elementos materiais e culturais de ambos espaços. Como não deveria deixar de ser, a última troça, ou melhor, o último artigo, nos faz ter a certeza de que o conhecimento é fundamental para uma vida plena e feliz.

Esperamos todos que os tempos mudem, e com eles novos trabalhos sobre o continente africano venham à tona. Com este número, saudamos a vida e renovamos a confiança em tempos melhores!